

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O INDIELISBOA | DIRECTOR'S CUT

4 de Maio de 2023

AS PIONEIRAS DO CINEMA EM LÍNGUA PORTUGUESA / 2023

um filme de LUÍSA SEQUEIRA

Realização, Argumento: Luísa Sequeira *Fotografia:* Luísa Sequeira, Marco Oliveira *Montagem:* Luísa Sequeira, Vítor Carvalho *Com:* Joana Linda, Luísa Sequeira.

Produção: Um Segundo Filmes (Portugal, 2023) *Produtor:* Humberto Rocha, Pedro Medeiros *Cópia:* DCP, preto-e-branco e cor, legendada em inglês, 15 minutos *Primeira apresentação pública.*

L'EDEN DE LA CIOTAT / 2022

um filme de ALAIN BERGALA

Realização, Argumento: Alain Bergala *Fotografia:* Aurélien Py *Som:* Raphaël Roche *Montagem:* Sandrine Deegen *Montagem de imagem:* *Música:* Béatrice Thiriet *Desenho de produção:* Joël Farges *Com:* Florence Basilio, Jean-Pierre Dardenne, Luc Dardenne, Jean-Louis Tixier- Vignancour.

Produção: Kolam Productions (França, 2022) *Produtores:* Joël Farges, Olga Prud'homme Farges *Cópia:* DCP, preto-e-branco e cor, legendada em inglês e electronicamente em português, 53 minutos *Estreia:* 2 de Julho de 2022, no Il Cinema Ritrovato em Bolonha (Itália) *Título internacional:* The Eden of La Ciotat *Primeira apresentação em Portugal.*

com a presença de Luísa Sequeira

Em La Ciotat, numa tradução literal *a cidade*, situada nas Bocas do Ródano da região francesa da Provence-Alpes-Côte d'Azur, na proximidade mais ou menos equidistante de Toulon e Marselha, um monumento em pedra simula a abertura de uma janela de projecção de formato quadrado. A abertura enquadra o mar, um plano geral de horizonte marinho. Azul, soalheiro, um quadro dentro do quadro, tal como é captado no grande plano inicial de *L'Eden de La Ciotat*, cuja banda de som rima nesse momento com o final de *As Pioneiras do Cinema em Língua Portuguesa*. O mar faz *raccord* na sessão que alinha os filmes de Luísa Sequeira e Alain Bergala, dois títulos que, noutra uníssonos, remetem para a ideia de séries. No caso da produção portuguesa, apresentando-se como episódio-piloto de um projecto centrado no cinema feito por mulheres lusófonas; no da produção francesa, organizando-se em torno da "memória das salas obscuras", na série intitulada "Cinémas mythiques" que conta, pelo menos, com retratos do cinema Modernissimo de Bolonha, do Capitol de Singapura, do Champollion no parisiense Quartier Latin, do ateniense Thission, do holandês Tuschinski, do americano Byrd, do Lucerna em Praga ou de uma sala alhares no fim do mundo para os lados da Terra do Fogo.

As Pioneiras do Cinema em Língua Portuguesa inscreve-se na linha do trabalho que Luísa Sequeira tem vindo a realizar, designadamente o "road movie documental" *Quem É Bárbara Virgínia?* (2017), em que resgata a memória da primeira mulher a realizar uma longa-metragem de ficção em Portugal, que foi simultaneamente a primeira mulher a apresentar um filme em Cannes, em 1946 – o hoje parcialmente perdido *Três Dias sem Deus* (de cujo material subsiste apenas um excerto de vinte e seis minutos sem som). Bárbara Virgínia (1923-2015) volta a surgir em *As Pioneiras do Cinema em Língua Portuguesa* como uma ficcional narradora interpretada por Joana Linda, guiando uma "viagem" na primeira pessoa que evoca o extraordinário trabalho pioneiro de Alice Guy-Blaché (1873-1968), cineasta de múltiplos ofícios dos primórdios obliterada da história do cinema durante tantas décadas mas cujo nome começou a ressoar em anos recentes, e cujo percurso feminista é aqui, em certo sentido, posto em paralelo histórico com a médica

republicana sufragista portuguesa Carolina Beatriz Ângelo (1878-1911). O filme passa depois pelo território desbravado no cinema de animação pela alemã Lotte Reiniger (1899-1981), que inspira porventura o “teatro de sombras” que Sequeira convoca em alguns dos planos, um pouco como sucede na revisitação do livro publicado em 1972 pelas três escritoras das *Novas Cartas Portuguesas* no anterior *O Que Podem as Palavras* (co-realizado com Luísa Marinho, 2022); e ainda pelo caso da luso-brasileira Carmen Santos (1904-1952), actriz que como Bárbara Virgínia se faz realizadora, desaparecendo no ano em que Virgínia chega ao Brasil. Apontando coincidências e exemplos ilustres que coabitaram o século XX do cinema, Luísa Sequeira propõe uma reflexão filmada acerca do lugar atribuído e negado a mulheres cujas visões e criatividade essenciais resistiram ao apagamento que lhes foi sendo dedicado. Ou à espécie de *maldição* verbalizada no off.

A cada um o seu Éden, mas o possivelmente primeiro cinema Éden foi mesmo um Éden inaugural. É uma sala dos tempos pioneiros do cinematógrafo, na cidade francesa de La Ciotat onde os irmãos Auguste e Louis Lumière filmaram a estação de comboio mais famosa de sempre, ou pelo menos mais famosa desde 1895, quando enquadrando a chegada em diagonal de um comboio pela câmara fixa no cais que alguns cidadãos cruzam, essa vista de cinquenta segundos foi projectada pela primeira vez em Paris no dia 28 de Dezembro que se convencionou guardar como data do nascimento do cinema. A sala lendária do Eden de La Ciotat onde o mesmo filme foi projectado em 1899, com duas dezenas de outras vistas Lumière, é agora o centro e motor do primeiro episódio da série “Cinemas mythiques” realizado por Alain Bergala que se lança na viagem acompanhado pelos irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne. Uma dupla de cineastas na cidade “balnear” da dupla de cineastas, fotógrafos e inventores pioneiros que Bergala liga nesta crónica de uma sala de cinema, indo dos primórdios à actualidade. A travessia também é espacial, deambulando pela cidade portuária e balnear em cujas falésias Michel Simon, o actor a quem Jean Renoir filmou em Paris como *Boudu sauvé des eaux* (1932), fez um dia construir um pequeno posto de contemplação, que ainda lá está, e sonhou outro dia acolher uma cinemateca clandestina que resgatasse Henri Langlois do histórico “affaire” que, nos anos 1960, não o arredou da Cinemateca Francesa (*après tout*). Lá os vemos também, em imagens *amadoras*, captadas no mesmo cais da mesma estação.

Parece e é muita coisa. Há ainda mais, estando “tudo isto ligado”. Alain Bergala, crítico, ensaísta, professor, realizador, tem-se dedicado à transmissão da história do cinema: foi responsável pela colecção de filmes em dvd “L’Eden Cinema” disponível em França para a aprendizagem do cinema desde os anos 2000, e é um dos responsáveis pelo programa de iniciação ao cinema “Cinema, Cem Anos de Juventude” concebido na Cinemateca Francesa em 1995 e que, com escala internacional e ramificações portuguesas, tem promovido a realização de “planos Lumière” por jovens aprendizes. Que filme o Eden em La Ciotat faz pois todo o sentido, como o faz que eleja os dois “monumentos” em pedra que naquele lugar reenviam para o cinema. Bergala constrói o retrato alinhando histórias, imagens e coincidências. No coração do retrato, no interior vermelho da sala de cinema nesse momento sala de projecção, cenário de cinema e lugar de bastidores, debate com os Dardenne o que, num plano deles, vem da posição dos pioneiros. Mas o filme espraia-se por La Ciotat cruzando a sua história com a da sala, a experiência operária dos estaleiros e a frequência popular das salas de cinema, o património cultural e artístico do lugar infiltrado pelo olhar dos Lumière e do seu pai Antoine, que aí construiu o Palais Lumière. As várias vidas da sala do Eden, da ascensão ao declínio e renascimento, são assim perspectivadas numa espécie de panorama, ou num movimento zoom que abraße o espaço do cinema à cidade e às suas múltiplas histórias, múltiplas vistas. Sob a influência do tal monumento na marginal de La Ciotat em tributo aos irmãos com luz no nome.

Maria João Madeira